

O SILÊNCIO QUE HABITA AS CASAS

Fotos e trechos inéditos do diário de trabalho do arquiteto e diretor de arte de cinema, Valdy Lopes Jn, revela um sertão que, apesar de conhecido, ainda é idealizado e esquecido pelos brasileiros.

Valdy Lopes Jn. é Arquiteto e Diretor de Arte de Cinema, TV e teatro



Julho, 2003.

(...) O trabalho de diretor de arte obriga-me a andar, conhecer lugares, pessoas e, sobretudo, suas histórias. Desde agosto de 2003, período que andei pelo sertão da Paraíba, pesquisando locações para o filme Cinema, Aspirina e Urubus (Dir. Marcelo Gomes), a arquitetura local deixa-me bastante impressionado e surpreso. A região que compreende as proximidades das cidades de Patos, Cacimba de Areia e Quixaba é pontuada por construções datadas dos meados dos anos 30, do século passado. A arquitetura austera, de elegância singular, caracteriza a paisagem e mostra sinais de uma cultura arcaica que a modernização brasileira, feitas às pressas e de forma desigual entre os estados, não conseguiu resolver e superar. Vejo que o sertão chega a ser mesmo o signo de uma nação inacabada, sujeito a ser alvo de idealizações, de mitificações e de estereótipos que reforçam o preconceito e a incapacidade das elites

brasileiras em conviver com as diferenças e propor soluções para as desigualdades sociais e econômicas. (...)

Julho, 2003.

(...) Nasci e cresci no Nordeste. Percebo que as coisas por aqui são bem diferentes de como o resto do Brasil insiste em ver. Tem sido assim há anos. Para o habitante da cidade grande, o sertão nunca deixou de ser um espaço desconhecido. No passado, para os bandeirantes, ele foi um interior perigoso e cheio de riquezas. Para os portugueses chefes das capitanias, o sertão foi um exílio temporário e para quem era expulso da vida colonial, ele significou a região da liberdade, da esperança de uma vida melhor. Apesar de tanto tempo, o sertão continua um enigma. (...)



Agosto, 2003

(...) Há alguns dias procuro referências de casas e objetos da região. O filme Cidade, Aspirinas e Urubus é ambientado na década de 40. Estou atrás de vestígios, do que ainda pode ter restado desta época, se ainda é possível. Tiro fotos por isso. Por entre o

sertão do nordeste, destacam-se, sobretudo, as moradias familiares, na maioria, sedes de antigas fazendas por onde podem ter passados muitos dos personagens dos livros de Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, Euclides da Cunha ou dos filmes de Glauber Rocha. Por lá, encontramos construções em adobe, com suas típicas platibandas recortadas, protegendo o telhado em duas águas.



Há ainda paredes externas com cores esmaecidas pela incidência do sol intenso e constante. O que mais chama atenção nesta arquitetura tão sutilmente presente é o silêncio existente entre as casas, entre um lugarejo e outro, como também dentro dos cômodos do lar. As casas, em sua maioria, estão abandonadas e são testemunhas silenciosas da história desta região delimitada pelos chapadões da serra da Borborema. O vestígio da cor na parede, o reboco por fazer, ou a cerca destruída dão provas de que alguém por ali passou, foi embora, está longe e, talvez, nem lembre de voltar (...)

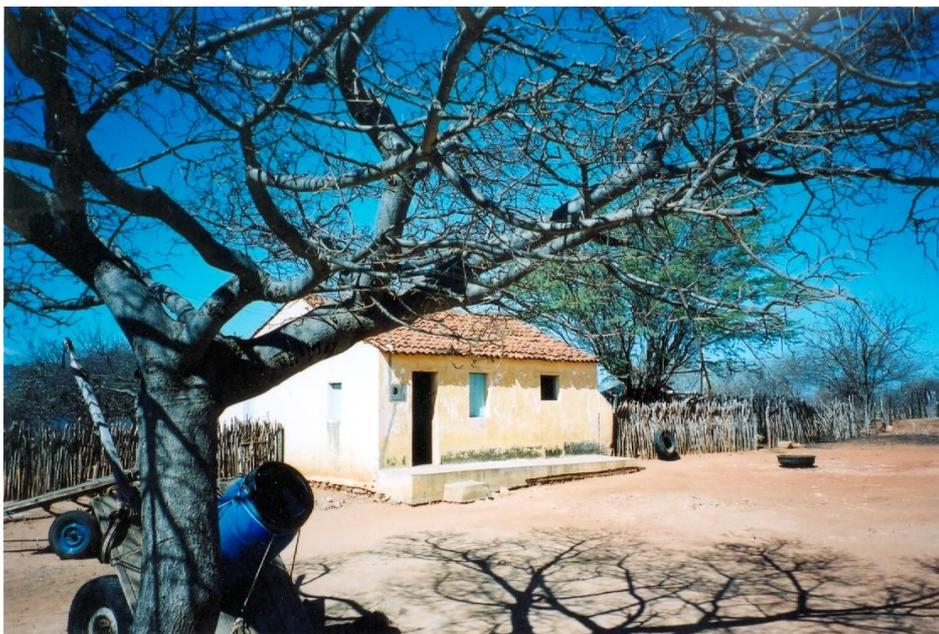


Setembro, 2003

(...) Ando conhecendo muitos lugares. Em quase todas as regiões, os mais velhos lembram de épocas mais fartas, de amigos que se foram. Os mais jovens nem sempre lembram disso. Nesta região seca e desértica onde a aridez da paisagem releva seu exotismo é também o local das contradições do homem, da exploração do trabalho, principalmente, o infantil, da concentração da renda nas mãos de poucos, da luta pelo acesso a terra e da ausência de recursos para superar a escassez da água, razão imediata da insegurança alimentar dos moradores e da migração de várias gerações de nordestinos para centros com mais empregos, serviços e oportunidades. Penso que a mudança para outras cidades também pode ser considerada uma espécie de expulsão, feita a revelia de quem esperava crescer no mesmo lugar onde os pais e os avós cuidaram da roça e do pasto, alimentando sua prole.



Assim, com o tempo, quase tudo foi embora: água, gente, construções, animais e dinheiro. De forma quase definitiva, vejo que o êxodo criou um cenário de abandono, um sertão vazio, longe do litoral, com poucas pessoas e casas, inóspito e distante das terras cultiváveis. Dele também chega a se dizer que é uma região inabitável, lugar da fome, de vida difícil, de pessoas fortes com tradições antigas e rígidas. Disto nasce a natureza do habitante do sertão, dizem aqueles que se preocupam em estudar a força e resistência de seu povo.



Talvez, seja por isso que o “cabra” – o cangaceiro – apareça como uma espécie de herói sertanejo. Sob uma avaliação positiva ou negativa, o sertão guarda vários atributos, ou melhor, os sertões brasileiros. Mas ainda que diante de tantas imagens construídas sobre a região, pouco se diz sobre os interesses e os preconceitos morais, políticos e econômicos das elites brasileiras que fizeram do sertão uma região proibida e, às vezes, pouco aconselhável de ser abordada.

